

Secção 4

Narratividade e temporalidade: a questão temporal nas narrativas literárias em língua portuguesa

Leitung | Coordenação: Gabriella Campos Mendes

SALA | RAUM: Haus 1 Turm - T-1001 (Hyb.)

Mittwoch | quarta-feira – 15/09

14:00 – 18:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais
15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen Reunião dos Coordenadores de Secção
16:30 - 17:00	Kaffeepause Intervalo para café
18:00 – 20:00	Eröffnungszereemonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
20:00	Umtrunk mit Häppchen Beberete com canapés

Donnerstag | quinta-feira – 16/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
09:15 – 09:45	Gabriella Mendes, Carlos Reis	presencial	Introdução à secção
09:45 – 10:30	Gabriella Mendes	presencial	O tempo não-natural na escrita de José Cardoso Pires
10:30 – 11:15	Carlos Reis	presencial	José Saramago: narrativização e temporalização do espaço
11:15 – 11:45	Kaffeepause Intervalo para café		
11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:30 – 15:15	Juracy Assmann Saraiva	online	Investigação estética da temporalidade em narrativas de Machado de Assis
15:15 – 16:00	Larissa de Assumpção	online	A questão temporal em obras ficcionais publicadas em folhetim: a relação entre o tempo narrativo e o tempo real em <i>As Joias da Coroa</i>, de Raul Pompeia
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Murilo Eduardo dos Reis	online	A narratividade como espelho do desenvolvimento urbano brasileiro em um conto de Rubem Fonseca
17:15 – 18:00	Glau cimara Alves da Costa Vieira	online	O tempo e o espaço ficcionais na ambiência de uma favela narrada sob o filtro da(s) (Escre)vivência(s) subjetiva(s) das personagens e da narradora de <i>Becos da Memória</i>, de Conceição Evaristo

19:00	Lesung Sessão de Leitura
-------	----------------------------

Freitag | sexta-feira – 17/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
09:00 – 09:45	Stephanie Béreiziat-Lang	presencial	Temporalidade colonial entre aventura e inventário no Brasil do século XVI
09:45 – 10:30	Maria do Carmo Cardoso Mendes	presencial	“O passado tem asas”: as memórias de Angola na ficção de Pepetela
10:30 – 11:15	Isabel Capelo Gil	online	Modernidades e periferias. Sentidos contemporâneos do moderno
11:15 – 13:15	Mittagspause Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause Intervalo		
14:30 – 15:15	Jéssica Schmitz, Daniel Conte	online	De quando o tempo se cobriu de fala: memória, silêncio e identidade na obra Biografia do Língua, de Mario Lucio Sousa
15:15 – 16:00	Luciana Morais da Silva	online	Contradições e críticas em <i>Fantasia para dois coronéis e uma piscina</i>, de Mário de Carvalho
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Susana Vieira	online	<i>saber tudo o que sentia efêmero</i> — Maria Velho da Costa e o tempo num <i>exílio menor</i>
17:15 – 18:00	Maria Schtine Viana	online	Compasso de espera em “Buriti”, de João Guimarães Rosa
18:00 – 18:45	Angela Guida	online	A poética do tempo em narrativas performáticas: Bernardo Soares e Berna Reale
18:45 – 19:30	intervalo		
19:30 – 20:15	Flávio Valentim de Oliveira	online	Narratividade, animalidade e temporalidade no conto <i>Homenagem ao papagaio verde</i> de Jorge de Sena
20:15 – 21:00	Edilson Pantoja da Silva	remota	O urubu de Belém como fósil narrativo, inconsciente do tempo e resistência
19:00	Freier Abend - Abendessen der Sektionen Noite livre - Jantar das Secções		

Samstag | sábado – 18/09

14:30 – 17:00	Mitgliederversammlung des DLV Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		
19:00	Konferenzdinner Jantar de Encerramento		

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 4

Larissa de ASSUMPÇÃO (Universidade Estadual de Campinas)

A questão temporal em obras ficcionais publicadas em folhetim: a relação entre o tempo narrativo e o tempo real em *As Joias da Coroa*, de Raul Pompeia

O objetivo deste trabalho é analisar a maneira como a questão temporal é construída no romance *As Joias da Coroa*, publicado pelo escritor brasileiro Raul Pompeia no jornal carioca *Gazeta de Notícias* entre os meses de março e maio de 1882. Por meio dessa análise, pretende-se contribuir para os estudos sobre a temporalidade em obras ficcionais publicadas em folhetim, que, devido ao seu caráter seriado e intimamente relacionado ao conteúdo dos periódicos (MEYER, 1996), dilatam o tempo cotidiano (THERENTY, 2015, p. 123) e trazem indícios sobre o momento e o suporte em que foram publicadas (CHARTIER, 1998). Para fazer essa análise, serão considerados três aspectos principais: o contexto histórico em que o romance foi publicado; a maneira como ele funcionou como um dilatador do cotidiano, ao promover uma interpretação sobre um crime real em seu enredo, e os limites entre o tempo da realidade da investigação criminal, noticiada diariamente na *Gazeta de Notícias*, e o tempo da narrativa, publicada de maneira seriada no rodapé desse mesmo periódico. Os resultados dessa análise mostram que Raul Pompéia apropriou-se dos avanços investigativos do roubo das joias da imperatriz Teresa Cristina, ocorrido 12 dias antes do início da publicação do romance, para compor seu enredo. O efeito gerado por essa apropriação é a dilatação do tempo cotidiano na ficção, que permite uma aproximação entre um fato da sociedade, cujos desdobramentos estão sendo vividos pelo leitor no momento em que ele tem contato com o folhetim, e a dinâmica da narrativa.

Stephanie BÉREIZIAT-LANG (Universidade de Heidelberg)

Temporalidade colonial entre aventura e inventário no Brasil do século XVI

Os relatos de viagem e crônicas do século XVI que transformam o contacto europeu com os povos indígenas brasileiros em texto são também acompanhados por uma adaptação da experiência da alteridade aos padrões discursivos e aos gêneros textuais europeus. Entre a narrativa de aventura e o inventário etnográfico (cf. Lestringant 2016), os textos também negociam duas estruturas temporais diferentes, de observação pessoal e de descrição generalizada com valor super-histórico. O eterno presente da observação etnográfica denega, como é sabido, ao Outro não-europeu a dimensão de historicidade. Ao mesmo tempo, como Michel de Certeau observa, o contato imediato de um narrador-sujeito com o Outro dá origem ao "lapsus dans le discours occidental" de um presente efêmero (Certeau 1975: 269). Com esta dupla estrutura temporal, a interpelação do leitor na textualização da experiência de alteridade (cf. Carneiro 2015) confronta o leitor com uma estrutura mental na qual o Outro é simultaneamente incorporado na linearidade histórica e permanece excluído da mesma. Uma selecção de textos cronísticos do século XVI (principalmente portugueses) visa explorar esta complexa "produção" do tempo não-europeu (Certeau) como uma construção colonial.

Isabel Capeloa GIL (Universidade Católica Portuguesa)

Modernidades e periferias. Sentidos contemporâneos do moderno

Conferência de oradora convidada

Angela GUIDA (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

A poética do tempo em narrativas performáticas: Bernardo Soares e Berna Reale

O tempo é uma questão que desassossega o ser humano e, no decurso da existência, tentam-se formas diversas de apreender esse monstro que devorou os próprios filhos, para quem acredita no tempo apenas como uma manifestação de Chronos. Há narrativas nas quais se nutre a sensação de que o tempo passa ora mais rápido, ora mais lento ora nem passa. Nas performances artísticas, por exemplo, a ideia do tempo é de um eterno presente, pois o registro da performance já não é mais a performance

realizada. As performances lidam diretamente com um problema real quando não há o registro dos trabalhos produzidos pelos artistas, que é perder a obra no tempo, uma vez que as apresentações são efêmeras, constituem-se como representações/narrativas não perenes e, se não forem registradas em fotos ou em vídeos, ficam apenas na memória dos transeuntes. Assim, neste trabalho, pretendemos discutir a efemeridade do tempo a partir de performances da artista brasileira Berna Reale em diálogo com as narrativas performáticas (Ravetti) de Bernardo Soares, autor de *O livro do desassossego*, fragmentos de narrativas produzidas pelo semi-heterônimo de Fernando Pessoa, cuja temática/dessassossego principal incide na questão do tempo, que cai “gota a gota, e nenhuma gota que cai se ouve cair” (Soares), porque esse tempo oprime fisicamente o coração do narrador Bernardo Soares.

Flávio Valentim de OLIVEIRA (Universidade Federal do Pará)

Narratividade, animalidade e temporalidade no conto *Homenagem ao papagaio verde* de Jorge de Sena

Desde a filosofia nietzschiana que reconheceu o esquecimento feliz dos animais, da força do animal que vive no instante, em oposição ao olhar humano que ruma o passado de modo anti-histórico, pode-se dizer que cresceu uma literatura da animalidade como forma de rememoração moderna e provocativa em relação a uma degeneração da história e da própria vida. No conto *Homenagem ao papagaio verde* (1961-62) de Jorge de Sena encontramos uma narratividade animal que se assemelha as sátiras sociais de Robert Walser e de Franz Kafka. Sena, por sua vez, tece uma memória da infância, alternada com a perspectiva do animal, que reflete sobre a amizade, a resignação e a raiva. Assim, proponho esclarecer neste trabalho o lugar do *papagaio verde* no nexo entre narratividade, animalidade e temporalidade, mostrando como uma ave educada na vida doméstica observa o comportamento dos criados, da lógica das ordens senhoriais, da submissão feminina e, muitas vezes, revela os conflitos morais silenciosos da vida privada juntamente com a melancolia infantil e os seus interditos no espaço dos adultos.

Gabriella Campos MENDES (Universidade de Coimbra)

O tempo não-natural na escrita de José Cardoso Pires

Em *Temporal Paradoxes in Narrative* (2009), Marie-Laure Ryan elenca quatro noções intuitivas da percepção humana sobre o tempo. São elas: (1) o tempo flui numa direção fixa; (2) não é possível contrariar esse fluxo e voltar no tempo; (3) as causas precedem os efeitos; e (4) o passado é inalterável. Este trabalho visa analisar como o escritor português José Cardoso Pires contraria tais axiomas através da construção de uma narrativa (e, por extensão, de uma temporalidade) contra-intuitiva. Para tanto, parte-se da leitura de *O Anjo Ancorado* (1958) e *O Delfim* (1968), com o objetivo de demonstrar suas respectivas complexidades narrativas, muito mais intrincadas do que uma escrita fragmentária de temporalidade mimética, ou com pontuais lacunas temporais e saltos anacrônicos.

Outrossim, busca-se uma via de compreensão dessas temporalidades narrativas possíveis da ficção cardosiana pelas categorias propostas pela Narratologia Não-Natural, com destaque para os tipos de reconstrução temporal da ficção não-mimética descritos por Brian Richardson.

Finalmente, pretende-se vincular a percepção da temporalidade não-natural da obra cardosiana à reelaboração do género textual e à ilusão de procedimento mimético que o autor progressivamente constrói, incorrendo numa surpreendente quebra de pacto com o leitor.

Maria do Carmo Cardoso MENDES (Universidade do Minho)

“O passado tem asas”: as memórias de Angola na ficção de Pepetela

O escritor angolano Pepetela (pseudónimo de Artur Carlos Pestana dos Santos) tem afirmado que, para um país jovem como Angola, conhecer o passado é fundamental. É também convicção do escritor que o seu país natal está ainda a criar uma identidade nacional e que o seu passado tem sido escrito sobretudo por estrangeiros. O colonialismo que perdurou até 1975 e a guerra civil que se prolongou até 2002 são analisados literariamente como obstáculos à construção identitária.

As obras de Pepetela demonstram ainda que o tempo, por vezes sobreposto em narrativas que confrontam passado, presente e futuro, é uma categoria modeladora da configuração das personagens.

A comunicação tem, assim, como principais propósitos: 1) Identificar na ficção narrativa de Pepetela as marcas mais determinantes dos tempos que construíram Angola, designadamente os que são representados nos romances históricos *A Gloriosa Família* (1997) e *Lueji, O nascimento de um império* (1989); 2) Reconstruir os fios temporais da ficção narrativa de Pepetela; 3) Analisar a visão do escritor sobre um tempo ainda marcante na identidade de Angola, aquele que é formado pela fratricida guerra civil, emblematicamente plasmada no romance *Se o Passado Não Tivesse Asas* (2016); 3) Reconhecer estratégias de alienação individual e social representadas por Pepetela, nomeadamente o racismo, a discriminação de género e a prepotência do poder económico; 4) Demonstrar que, na ficção de Pepetela, se evidenciam múltiplas formas de autoritarismos que sobrevivem até à atualidade e concorrem para fazer deste país africano o que o próprio escritor sobre ele afirma: “Angola neste momento está a viver uma distopia”.

Carlos REIS (Universidade de Coimbra)

José Saramago: narrativização e temporalização do espaço

Conferência de orador convidado

Murilo Eduardo dos REIS (Universidade Estadual Paulista de Araraquara)

A narratividade como espelho do desenvolvimento urbano brasileiro em um conto de Rubem Fonseca

O presente trabalho tem como tema a manifestação material de uma perspectiva sobre temporalidade em um conto escrito por Rubem Fonseca, tendo como referência o período histórico brasileiro em que o texto foi escrito. O objetivo é constatar de que maneira o autor, utilizando-se de aprimoradas técnicas narrativas, elabora determinada situação de violência em que a narratividade espelha o desenvolvimento urbano do Brasil na década de 1970. Assim, escolhemos como objeto de análise a narrativa breve “Passeio noturno”, parte integrante do volume *Feliz ano novo*, de 1975. Trata-se da história de um homem que, após um cansativo dia de trabalho, sai com seu carro pelas ruas do Rio de Janeiro à procura de alguém que possa atropelar, tendo o intuito de aliviar o stress acumulado durante sua jornada. Dessa maneira, o percurso metodológico se vale da apropriação seletiva de ensaios sobre aspectos da narrativa e de textos que tratam de características da obra de Rubem Fonseca. Vale destacar que também será fundamental a investigação da figura do narrador (quem fala) e do focalizador (quem vê). Portanto, tomamos como apoio teórico textos críticos e analíticos de estudiosos que tratam de características narrativas em geral e dos escritos fonsequianos, tais como Fábio Lucas (1983), Julio Cortázar (2008), Alfredo Bosi (2006) e Antonio Candido (2011). Ao final, espera-se identificar quais recursos expressivos são utilizados pelo escritor na construção de uma passagem em que há um ritmo narrativo que reproduz a velocidade crescimento metropolitano do Rio de Janeiro.

Jéssica SCHMITZ, Daniel CONTE (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

De quando o tempo se cobriu de fala: memória, silêncio e identidade na obra *Biografia do Língua*, de Mario Lucio Sousa

Como a página arrancada de um livro de histórias, o tempo em África age de forma descompassada em meio a um devir imagético no qual os sujeitos, que se encontram em suspenso, esperam que a folha partida possa ser (re) escrita e (re) colocada, figurando novos significados. As muitas histórias que compõem a África beiram a sutil passagem do tempo. Não como simples páginas arrancadas, mas como vidas que não puderam ser. Vidas essas que foram objetificadas pela rigidez do processo colonizador. A colonização em África emudeceu o tempo e causou um silêncio que assombrou o continente africano por décadas. Para acabar com esse silenciamento, as literaturas africanas escritas em língua portuguesa buscam ressignificar o tempo, a memória e o próprio silêncio. A obra *Biografia do Língua*, do escritor cabo-verdiano Mário Lúcio de Sousa traz à guisa de discussão as problemáticas deixadas pela colonização em África: o silêncio imposto pelo colonizador, as memórias de uma nação atormentada pelo devir social e o tempo transvestido de esperança. O narrador, condenado de guerra usa da fala e de suas memórias para contar os fatos ocorridos não da sua vida, mas sim da vida de um emblemático personagem, o Língua. Assim, objetiva-se analisar a obra *Biografia do Língua* observando a relação de sentido entre a história e o silêncio e sua interlocução com a memória e a representação de conflitos de identidade que se acentuaram com o processo colonial em Cabo Verde.

Juracy Assmann SARAIVA (Universidade FEEVALE)

Investigação estética da temporalidade em narrativas de Machado de Assis

A inter-relação entre a temporalidade e o ato de narrar, que confere à intangibilidade do tempo a concretude da experiência vivida, é tema desta comunicação, que enfoca a elaboração das narrativas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, cuja natureza memorialística eleva a temporalidade à condição de acontecimento diegético. Percebido como voragem, lacuna a ser completada ou fator de intersecção entre a ausência de vida e a possibilidade de recuperá-la, o tempo anima a narração. Ele se configura como pluridimensional, pois entre o tempo da história e o do discurso se interpoem reflexões metaficcionalis do presente dos narradores. Paralelamente, a conexão dos narradores com o tempo interfere no domínio das informações, pois, quanto maior a proximidade dos eventos, menor é o conhecimento que detêm sobre o narrado. Interdependência semelhante fundamenta a relação entre verossimilhança e ficcionalidade, desde que o caráter documental do diário de Aires, redigido próximo aos eventos, mostra-se mais quimérico do que a história *post-mortem* de Brás Cubas. Portanto, a análise conduz ao reconhecimento de que Machado de Assis explora, com a categoria da temporalidade, diferentes possibilidades estéticas que atraem os leitores para o ângulo da execução das narrativas memorialísticas.

Luciana Morais da SILVA (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Contradições e críticas em *Fantasia para dois coronéis e uma piscina*, de Mário de Carvalho

As construções ficcionais atuais constituem-se, em geral, por um modo singular de olhar para o ontem e o hoje, contribuindo para a estruturação consciente de mundos e submundos possíveis textuais embasados pelo olhar crítico do autor acerca da sociedade em que está inserido. Sob essa perspectiva as escolhas e interesses do artista perpassariam os cenários e nuances de mundos possíveis concretizados a partir das possibilidades em torno da personagem em seus mais variados desdobramentos. O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra *Fantasia para dois coronéis e uma piscina* (2003), de Mário de Carvalho, em que o autor propõe a configuração de um mundo possível auto-reflexivo marcado pela possibilidade do “falar” e da constatação dos inconvenientes existentes no cotidiano percebido pelas personagens. Pretende-se a partir da compreensão dos processos desenvolvidos na figuração das personagens notar o movimento de crítica e revisitação proposto por Mário de Carvalho. O olhar de dois homens sobre a realidade de seu país, sem realmente atuarem em prol de mudanças, confere ao texto um tom irônico e profundamente marcado pela necessidade de transformações. A expressão do novo rompendo com a ordem em vigor garantem uma proposta de crítica e reflexão por meio de considerações sobre a capacidade de transpor os significados apáticos de um mundo preso apenas a “tagarelice”. A denúncia da condição excessiva das trocas sociais, das conversas sem propósito, deixa extravasar o vazio das ações, condicionando, portanto, uma proposta de conscientização do esvaziamento, em certa medida, da própria condição de ator do futuro presente no humano. Em oposição ao movimento e ao impulso para o futuro, as personagens de Mário de Carvalho constroem-se pela crítica ao cotidiano de personagens pertencentes a “um país que não tem nada a dizer, a ensinar, a comunicar”. A contradição entre a tagarelice e a ausência de perspectiva aponta, nesse sentido, para uma revisitação das propostas de ruptura e renovação presentes nas vanguardas, perspectivando uma efetiva mudança nos cenários em que os mundos possíveis se constituem. Sendo assim, as personagens de Carvalho contribuem para a confecção de um mundo possível construído pelo ontem e o hoje.

Edilson Pantoja da SILVA (Universidade Federal do Pará)

O urubu de Belém como fóssil narrativo, inconsciente do tempo e resistência

"Nunca mais! Nunca mais!" é o brado repetido pelo corvo do poema de Edgar Allan Poe (1809-1849), um corvo "de eras ancestrais". Também repete-o outro pássaro carniceiro, exímio cuidador de “restos”, o urubu (*Cathartes foetens*), secularmente presente na cidade de Belém do Pará (com quem tem curiosa relação totêmica), em diversas narrativas aqui produzidas, a começar por *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), romance seminal de Dalcídio Jurandir (1909-1979), que escreveu outros nove romances amazônicos. Fosse apenas o brado que aproximasse os dois pássaros e suas narrativas, a "coincidência" seria atribuível apenas à influência de Poe sobre Jurandir e deste sobre outros autores locais. Mas supomos que a relação literária e imagética entre os dois pássaros seja mais antiga, a confiar na interpretação de Lévi-Strauss em *O cru e o cozido* (1964), ao propor que a mítica constelação do urubu, registrada por D'Abbeville entre os Tupinambá (1612), antigos habitantes da região, corresponda

à constelação grega do corvo e ao mito dela derivado. Diante disso e de outras representações do urubu pela arte de Belém, cidade fundada por portugueses em 1616, por onde iniciou-se a colonização da Amazônia e prolongou-se o extermínio dos Tupinambá, propomos uma leitura desses fenômenos estéticos como fósseis e narrativas culturais, expressão inconsciente da “sobrevivência do antigo” e “fórmulas de pathos” - um páthos de resistência dirigido aos descendentes colonizados -, a partir de formulações teóricas do alemão Aby Warburg.

Maria Schtine VIANA (Universidade Nova de Lisboa)

Compasso de espera em “Buriti”, de João Guimarães Rosa

Na obra *A memória: a história e o esquecimento* (2014), Paul Ricoeur esclarece a diferença entre memória e imaginação, considerando como tais conceitos são tratados por Platão e Aristóteles. Em Aristóteles, a memória seria a representação de alguma coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida, que preconizaria a inclusão da problemática da imagem na lembrança. Nessa acepção, *anamnesis* seria volta, retomada, recobrimento do que anteriormente foi visto, experimentado ou apreendido. Contudo o elo entre esses dois eventos, esquecer e lembrar, seria assegurado pela distância temporal. É esse intervalo entre a impressão original e seu retorno que a recordação percorre. Na urdidura da novela *Buriti*, do ciclo *Corpo de baile*, o escritor brasileiro João Guimarães Rosa entrelaça várias temporalidades. Além de a primeira parte da novela ser construída por meio das recordações que Miguel tem da primeira visita que fizera ao Buriti, quando para lá retorna um ano depois; tem-se a perspectiva de Lalinha, a nora que o fazendeiro Liodoro mantém sob seus cuidados depois que seu filho, Irvino, a abandonara. Esse tempo em que Lalinha espera pela volta do marido e Glória aguarda pelo retorno do noivo Miguel, no suposto tempo presente, as reflexões e memórias de Lalinha e Miguel são preponderantes, restabelecendo a importância do passado. O objetivo desta comunicação é analisar como a superposição das camadas temporais demarca o compasso moroso da espera. Neste percurso interpretativo, abordar-se-á a importância da memória, em diálogo com o pensamento de Gérard Genette, Paul Ricoeur e Jean-François Lyotard.

Glaucimara Alves da Costa VIEIRA (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

O tempo e o espaço ficcionais na ambiência de uma favela narrada sob o filtro da(s) (Escre)vivência(s) subjetiva(s) das personagens e da narradora de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo

Ao criar o conceito de *Escrevivência*, a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo colocou para a Literatura questões importantes, dentre elas: onde fala o narrador da *Escrevivência*? Como ele constrói o relato? Qual perspectiva de realismo ele tem que criar? Quais estratégias estéticas ele utiliza para enunciar de um lugar periférico definido por aspectos como: cor, gênero, raça e sexualidade, e ainda, a partir da experiência individual e coletiva? Dessa forma, em *Becos da Memória*, o tempo e o espaço ficcionais recriam a ambiência de uma favela e são filtrados pelas vivências das personagens e também, da narradora, as quais transformam e redimensionam a rigidez do tempo cronológico, cruzando tempo e memória. Assim, percebe-se um reordenamento social e político para aqueles que são forçados a permanecerem numa posição marginal e subalterna na sociedade e na História. Dessa forma, o presente estudo tem, como objetivo, investigar como o narrador constrói a narrativa como uma *escrevivência*, em que perspectiva de realismo ele tem que criar o relato e como o tempo e o espaço influenciam nesta construção. Para a realização desta pesquisa, escolheu-se analisar o tempo e o espaço ficcionais no romance *Becos da Memória*, primeiro romance escrito de Conceição Evaristo. Porém, segundo a autora, esta narrativa nasceu por volta os anos de 1987/88, ficando “engavetada”, por quase vinte anos, tendo sido publicada a primeira vez em 2006. Buscou-se observar a temporalidade do texto literário, como “ficções da memória”, sobretudo o tempo, “aquele que não ocorre no âmbito do discurso, mas no plano daquilo que é narrado, na história propriamente dita”. A experiência de análise e estudo da obra tem proporcionado a verificação de que, através das personagens e de suas narrativas, há um reordenamento social e até político, sobretudo devido à recuperação do nome e da história de cada uma delas, bem como, da oportunidade de recuperar fatos da história colonial brasileira a partir do testemunho daqueles que sempre foram silenciados e colocados à margem dos fatos e dos espaços.

Susana VIEIRA (Universidade Nova de Lisboa)

saber tudo o que sentia efêmero — Maria Velho da Costa e o tempo num exílio menor

Evidenciando “as várias possibilidades de compreensão do conceito de tempo [...] atreladas à dinâmica narrativa”, apresentaremos uma hipótese de leitura de “Exílio menor”, escrito por MVC em 1962 e coletado em *O lugar comum* (1966), aplicando, para o efeito, as conceções fenomenológicas sobre a linguagem de Derrida e uma revisão da imagem *tempo* de Deleuze. O presente estudo deve ainda parte das suas observações aos subsídios analíticos de Mesquita (sobre a temporalidade na narrativa) e de Dias (linguagem enquanto construtora de acontecido e do porvir), para justificar que (e como), revelando-se a autora incapaz de “organizar a experiência humana dentro de uma lógica temporal”, “problematiza [pela disposição da linguagem] a própria existência de uma lógica temporal”. A fim de indagar a realidade, MVC desconfigura a noção clássica de tempo narratológico e desfoca a narrativa para um mundo interior, desligado de *l'apparence*, um tempo recortado pela memória e ativado por um movimento diferente do que deixa em suspenso fora de si. Evocada dessa forma, a linguagem adquire vigor antropogénico, criando o motivo que, pela sua força e estranheza, contagiará os efeitos de causa-consequência, *i. e.*, o acontecimento. Há uma aproximação entre o *exílio* e o momento íntimo “com uma memória do passado, ou [...] acto de reflexão, que actua [...] sobre um esquecimento fundamental” (DELEUZE & GUATTARI). “[...] MVC desfaz definitivamente a ideia de que a unidade temporal é uma condição necessária da unidade narrativa”, jogando, antes, com “a possibilidade de veicular a fragmentação do tempo através de segmentos não-narrativos” (MESQUITA), ou seja, *excursos* sobre as potencialidades de a linguagem gerar um processo no qual o indivíduo “*outrar-se[-á]* através da palavra” (DIAS), num mundo “não apenas credível, ou verosímil, mas acontecido de facto na linguagem, ou por obra do discurso” (DIAS) produzido num tempo em suspenso e dissonante do demais.